

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM UMA COMUNIDADE AGRÍCOLA NA AMAZÔNIA

Sérgio Cardoso de Moraes

Prof. dos Programas de Pós-graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – PPGEDAM/ UFPA e em Geografia – PPGEIO/ UFPA.

RESUMO: O artigo apresenta e discute ações sócio-educativas no meio ambiente, realizadas por uma associação de agricultores no município de Bragança-PA. A discussão objetiva compreender a educação ambiental enquanto elemento constitutivo da gestão ambiental em organizações sociais na Amazônia. Foi realizado levantamento bibliográfico sobre a temática, bem como pesquisa de campo a fim de atingir um diagnóstico da comunidade para traçar o perfil da mesma. Utilizamos ainda técnicas de observação e entrevistas em momentos de reuniões e nas ações propositivas realizadas pela associação de agricultores. A análise dos dados aponta para a grande importância dessas ações pois envolvem além dos agricultores, outros moradores da comunidade, como as crianças que tendem a crescer com outra compreensão acerca da relação entre seres humanos e meio ambiente.

Palavras-chave: Gestão ambiental, educação ambiental, agricultura, organização social e Amazônia.

Introdução

A cada dia intensifica-se a necessidade de discutir a questão ambiental. Os discursos e debates levam a refletir sobre a realidade, pois o modo de vida na modernidade impulsiona práticas produtivas que cada vez mais provoca a destruição do meio ambiente. Nesse cenário, identificamos algumas práticas educativas na gestão de organizações sociais, que surgem como foco de resistência frente ao avanço do capital internacional no panorama amazônico. Tais práticas buscam contribuir com a formação de cidadãos fomentadores de ações coletivas para atuar na defensiva do meio ambiente.

Precisamos de uma mudança da nossa visão de mundo e da visão da nossa inserção no mundo. Esta transformação está presente numa concepção que permite o florescimento do potencial de cada indivíduo, vendo-o como um ser inteiro, em todas as suas dimensões: física, mental, emocional, espiritual. Uma compreensão que vê o mundo como um sistema vivo, que se perpetua através de uma imensa rede de relações entre esta incrível diversidade de elementos que se complementam e são todos interdependentes (MORIN, 2003).

A Educação Ambiental tem uma missão que vai além da educação e do conhecimento do meio ambiente em que vivemos. Ela precisa buscar um novo ideário comportamental, construir um novo

conceito de mundo permeado pela coerência nas atitudes com uma postura ética e uma consciência política, que permitem um bem estar coletivo. A Educação Ambiental tem que ser buscada como uma educação política (Reigota, 1994), resgatando a dignidade do ser humano, vinculando as questões ambientais com as sociais. Gadotti (2006) enfatiza a necessidade de uma nova mentalidade, de uma percepção holística, de uma mudança radical nas atitudes, valores e ações, construindo um novo paradigma.

Ações educativas de organizações sociais buscam a transformação da mente, nas ações, nas relações pessoais e com a natureza, além disso, o caráter permanente da educação, permite esta construção contínua do sujeito (FREIRE, 1993), portanto é preciso que haja responsabilidade, compromisso, onde os direitos e deveres precisam ser respeitados pelos cidadãos.

Os processos de organização social no campo estão em grande parte relacionados ao enfrentamento de desafios. Tais desafios podem ser entendidos sob diversas formas: luta pela terra, reivindicação de crédito e assistência técnica para a produção, melhoria da infra-estrutura (estradas, eletrificação), garantia dos serviços sociais básicos (educação e saúde), dentre outros.

A educação ambiental nos últimos anos vem crescendo de forma bem marcante. Isso ocorre na mesma proporção quando se fala em mudança de valores e modos de vida da sociedade, com o avanço de indústrias, crescimento das cidades, em consequência o aumento da utilização dos recursos naturais e produção de resíduos, ocasionando a modificação na cultura, atingindo a percepção do ambiente pelos seres humanos. A educação Ambiental surge como uma ferramenta de auxílio para mudança de comportamento entre o homem e a natureza, tendo como proposta central a conscientização da sociedade para uma atitude sustentável.

Nessa perspectiva buscamos identificar em uma organização social de agricultores de Bragaça-PA como as práticas sócio-educativas se inserem na gestão ambiental. Destacamos as atividades da Associação de Agricultores de Jararaca.

Metodologia

A pesquisa foi realizada junto aos agricultores da comunidade Jararaca que faz parte das 177

comunidades rurais do Município de Bragança e está localizada a 21 km da sede do município, tendo sua economia centrada no cultivo da mandioca para a produção e comercialização de farinha, bem como em pequena escala, arroz, milho, feijão e criação de pequenos animais.

Foram aplicados questionários para identificar o perfil socioeconômico na comunidade, além de proporcionar um levantamento estatístico das condições de vida dos moradores. Neste questionário continham perguntas sobre dados pessoais, renda, produção e comercialização. Participamos também de algumas reuniões da Associação de Agricultores de Jararaca, assim como de várias atividades promovidas pela referida associação.

Os dados coletados tiveram tratamento estatístico para caracterização socioeconômica da comunidade. Através de entrevistas e observações das ações promovidas e realizadas pela direção da associação foi possível analisar como ações educativas se inserem na gestão ambiental local.

Caracterização da Comunidade Jararaca

A Comunidade Jararaca é formada por 48 famílias, totalizando 218 habitantes, dentre esses crianças, jovens, adultos e idosos. Seu povoamento se deu por volta de 1930, quando foi construído um campo de futebol no local. A origem do nome teve influência de um clube que foi jogar na comunidade. Suas camisas eram de listras nas cores branco e vermelho assemelhando-se com as cores de uma cobra jararaca [*Bothrops sp.*]. (GUEAM, 2006)

Segundo relatos dos moradores mais antigos a comunidade ficou praticamente isolada até 1964, quando então, foi construído pelos próprios moradores um ramal que deu acesso a estrada principal para a cidade de Bragança. Nessa época, a maioria da população era analfabeta, pois além de não existir escola nas proximidades era extremamente difícil o acesso até a sede do município, O deslocamento até Bragança era feito somente em caso de grande necessidade.

Atualmente, a realidade educacional da comunidade sofreu poucas modificações, pois há somente uma pequena escola que oferece a educação das séries iniciais em classe multisseriada, sendo poucos os estudantes que concluem o ensino fundamental menor. É comum o deslocamento de estudantes

para a cidade de Bragança com o intuito de buscar estudos mais avançados. Para o deslocamento até a cidade, a prefeitura disponibiliza um veículo que percorre várias pequenas localidades com destino final a sede do município. A viagem é demorada e cansativa, chegando a durar quase duas horas no período mais chuvoso na região.

Apresentamos um gráfico resultado de pesquisas do Grupo Unificado de Educação Ambiental (GUEAM) do Campus Universitário de Bragança. Nele podemos observar como a educação está caracterizada na Comunidade Jararaca.

O alto índice de analfabetos reflete uma realidade comum na Comunidade que é a dedicação quase que exclusiva para as atividades de roçado, ficando os estudos para segundo plano, o que pode explicar o abandono da escola, em favor do trabalho na agricultura.

Educação Ambiental

A educação enquanto processo eminentemente formativo numa realidade desacompanhada de dimensão ambiental, perde parte de sua essência e pouco pode contribuir para a qualidade da vida humana. A Educação foi e continua sendo trabalhada a partir das políticas municipais e estaduais de ensino, onde mal se consegue preparar o cidadão para o pleno exercício de sua cidadania, quanto mais permitir que esse exercício seja acompanhado de uma consciência ambiental.

Tanto a Educação Ambiental, como a Educação Popular, são formas educativas que surgiram justamente pelos inúmeros vazios deixados pelo sistema educacional clássico em não conseguir cumprir esse papel básico que lhe cabia. Gohn enfatiza que:

A educação tem sido proclamada como uma das áreas-chaves para enfatizar os novos gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico na área da informação. A educação é conclamada também para superar a miséria do povo, promovendo o acesso dos excluídos a uma sociedade mais justa e igualitária, juntamente com a sociedade com a criação de novas formas de distribuição da renda e da justiça social”. (GOHN, 2001, p.7).

Não é possível ignorar, que por ser simultaneamente, objeto de reflexo da sociedade humana aonde se encontra inserida, a educação se encontra sempre ligada intimamente ao processo social através do qual o ho-

mem adquire costumes, conhecimentos e valores vigentes em seu grupo e em sua época, aos quais ele pode simplesmente se adaptar ou inverte, modificando o curso de sua historia.

Paulo Freire defende que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados (...) O homem é um ser de raízes espaço-temporais, a instrumentalização da educação (...) depende da harmonia que consiga entre a vocação ontológica deste “ser situado e temporalizado” e as condições especiais desta temporalidade e desta situacionalidade (FREIRE, 1997, p. 610).

A necessidade do complemento “ambiental” junto à palavra Educação pode apontar como ressalta Brügger (1994, p. 38) “para a existência de uma práxis educacional tecnicista, que não seria sequer cidadão, que diria ambiental; o que infelizmente, é inegável no contexto brasileiro”.

Em se tratando de educação ambiental se torna necessário um conhecimento amplo e caracterizado que deve ser trabalhado, analisado, e planejado. As questões ambientais vêm adentrando nas comunidades em geral e isso deve promover interpretações, reflexões, relevâncias de conceitos, questionamentos, planejamentos, enfim tudo que se enquadra para um bom desenvolvimento de educação ambiental. Assim ressalta Reigota:

Dê o primeiro passo. Para abrir caminhos e provocar mudanças é necessário que todos estejam comprometidos, uma vez que o bom desempenho de um trabalho conjunto depende do conhecimento, envolvimento criatividade e da boa vontade do grupo”. (REIGOTA, 2001, p. 86).

A educação ambiental vem demonstrar ao ser humano a importância de uma participação ativa no ambiente comunitário para solucionar problemas que afligem a vida e a tomar decisões para a cooperação de uma sociedade ambiental sustentável. Como prática política-social, a educação ambiental fundada na pedagogia do ambiente numa abordagem sócio-ambiental, possibilita a promoção da consciência, uma vez que se constitui de uma prática de ação coletiva, com enfoque holístico, democrático, participativo e interdisciplinar.

Sendo assim, o cenário da educação não se reduz somente nos espaços escolares, pois também se materializam nos espaços da casa, do trabalho, lazer, igrejas, sindicatos e associações dentre outros. Podemos observar o campo da educação, onde as transformações decorrem das necessidades geradas pelo

sistema, chegando a abranger esferas mais amplas como a educação informal e não formal, abordando processos educativos junto de ações coletivas de membros da sociedade. Pois até onde se sabe as práticas educacionais desenvolvidas sejam no âmbito formal ou não formal aparentam não estarem fortemente revestidas de sentido, ou seja, não imbuídas completamente dos principais objetivos da educação ambiental que segundo Dias (2000, p 112) “é desenvolvendo conhecimentos, habilidades e motivação que façam os seres humanos adquirir valores e atitudes necessários para problematizar seu meio circundante, e procure solucionar os problemas que os afetam”.

As preocupações sobre o tema “educação ambiental” fazem parte das inquietações de grupos comprometidos com a viabilidade do equilíbrio planetário através de um desenvolvimento sustentável. Essa possibilidade de conceber a educação como um dos princípios básicos, para que o homem de forma crítica, aceite sua condição de elemento integrante do meio ambiente, com seus limites, deveres e direitos, como destaca Morin (2003) que a educação na era planetária desperta uma sociedade-mundo.

Nessa compreensão de ambiente, devemos estar atentos às “armadilhas paradigmáticas” no trato com a discussão sobre educação ambiental. Mauro Guimarães destaca que:

Os educadores, apesar de bem intencionados, geralmente ao buscarem desenvolver atividades reconhecidas como educação ambiental, apresentam uma prática informada pelos paradigmas da sociedade moderna. Não podem deixar de lembrar que os indivíduos, em geral, entre eles os educadores, seres sociais que somos, experienciamos em nosso cotidiano a dinâmica informada pelos paradigmas da sociedade moderna que tende a se auto perpetuar e que, seguindo essa tendência, é reprodutora de uma realidade estabelecida por uma racionalidade hegemônica. (GUIMARÃES, 2003, p. 23)

Esse alerta destacado por Guimarães provoca uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas no cotidiano ambiental. O desafio se apresenta na maneira de agir tomando como referência a compreensão holística de mundo e o papel dos seres humanos diante da realidade.

Associação dos Agricultores

Na Comunidade Jararaca encontram-se ao menos duas organizações sociais que envolvem os agricultores. A primeira é uma Delegacia Sindical, unidade administrativa do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais de Bragança, pouco expressiva na comunidade e distante das deliberações que ocorrem na sede do município. A segunda é a Associação dos Agricultores de Jararaca composta de aproximadamente quarenta sócios e que no contexto da gestão da entidade vem desenvolvendo atividades no âmbito da educação ambiental na gestão ambiental.

Damos destaque às observações realizadas durante a pesquisa acerca das práticas desenvolvidas pela Associação. Nas reuniões são repassadas informações sobre os problemas ambientais pelo quais a comunidade atravessa. São utilizados recursos didáticos como cartazes, vídeos e cartilhas para contribuir com a melhor apresentação e discussão dos temas propostos, buscando esclarecimentos sobre as conseqüências de suas ações como o desmatamento das nascentes dos rios e da roça, as queimadas, bem como o lixo produzido pelos moradores.

A prática da gestão ambiental na associação segue um modelo de democracia participativa que permite aos indivíduos compreender a realidade a partir de sua participação nas discussões. Nas reuniões os temas escolhidos pelos agricultores refletem suas necessidades, pois é levado em consideração o conhecimento que eles já possuem a partir de seus costumes, valores, idéias, organizações etc.

A preservação da natureza, a busca de qualidade ambiental e uma perspectiva de vida ecológica são idéias do século XIX que, em termos de manifestação, mantiveram-se por muito tempo restritas às elites ilustradas dos países dominantes...foi somente no final dos anos 60 que, nos Estados Unidos, Alemanha e Europa ocidental surgiu um movimento ambientalista de massas, entre as classes populares e com base na opinião pública, que então se espalhou para os quatro cantos do mundo (Castells, 1999, p.153-154).

O comprometimento do ser humano ao relacionar-se com o meio é estabelecer relações sociais, culturais, étnicas e econômicas para uma promoção da boa qualidade de vida para a comunidade no presente e às novas gerações. Esta compreensão se faz presente nas práticas propositivas da associação uma vez que ganha maior ênfase a preocupação em conservar o meio ambiente.

Dentre as ações realizadas e coordenadas pela associação dos agricultores, ganha destaque os mutirões de limpeza nos igarapés da comunidade. Estas iniciativas são definidas nas reuniões e, é importante salientar, a participação de crianças da comunidade nos mutirões, muitas delas filhos de agricultores

que já despertam para a necessidade de se preservar o meio ambiente. Estas experiências proporcionam estímulos às futuras gerações na formação de mentes mais sensíveis aos problemas ambientais de nosso século.

Uma ação como essa apresentada deve ser consciente para ser bem sucedida, não basta somente deixar os igarapés limpos, é necessário compreender o sentido e por que se deve preservar. Aqui se apresenta o desafio da gestão ambiental. Não pode se resumir em práticas conservacionistas e preservacionistas, mas ir além, promover a consciência dessa prática, pois

[...] a participação num conjunto de ações, inteligíveis à luz dos pressupostos que as informam, orientados para fins partilhados por todos os membros das comunidades envolvidas em tais ações, e definindo-se pelos meios adotados para a realização desses fins, os quais são determinados pelas condições em que se efetuam [...] (Harris, apud Reed, 1997, p. 27)

Tais considerações de Harris nos fazem refletir sobre as relações as práticas sócio-ambientais realizadas por organizações sociais na Amazônia. A compreensão de uma educação ambiental, que prioriza o comportamento dos seres humanos diante da natureza, deve proporcionar a busca por um equilíbrio da vida na Terra.

Considerações finais

Percebemos a motivação dos agricultores em relação à gestão da Associação. A sensibilização dos sócios sobre a importância da preservação do meio ambiente com a realização de ações educativas deve proporcionar à comunidade oportunidades de desempenhar pensamentos críticos para a realidade ambiental buscando desenvolver um sentido de cooperação e responsabilidade na vivência local e global diante dos problemas decorrentes do crescimento econômico e populacional, cada vez mais evidentes.

Tentar encontrar mecanismos que possibilitam conciliar o crescimento econômico e populacional e o equilíbrio ambiental parece ser o desafio de todos os seguimentos sociais, principalmente dos grupos com vertentes ambientais. Neste cenário Shiva (2003) nos alerta sobre as principais ameaças a biodiversidade, segundo ela merecem destaque a destruição do habitat por mega projetos de capital

internacional e, principalmente, a substituição da diversidade pela homogeneidade de áreas cultivadas.

A educação parece ser uma das alternativas de maior aceitação, pois é tema constante nas várias discussões sobre a temática ambiental. Conseguir colocar em práticas as intenções expressas nos vários documentos formulados a respeito da educação ambiental, nestes últimos tempos é desafio de todos.

A educação ambiental, enquanto parte de uma política de gestão pode promover a divulgação de conhecimentos que devem proporcionar mudanças de comportamento das comunidades locais buscando compreender os problemas globais. Nesse sentido, o aproveitamento do solo, a despoluição da água, a conservação das florestas, o planejamento de ações devem promover impactos ambientais controláveis, associados à revitalização das tradições culturais, isto é, assentar as bases de um desenvolvimento humano durável para a construção de um futuro melhor.

Referências

BRUGGER, P. Educação ou adestramento ambiental. Coleção teses. Letras contemporâneas. Ilha de Santa Catarina: 1994. 141p.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura - O poder da identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. v. 2.

DIAS, Genebaldo Freire, 2000. Educação Ambiental: princípios e práticas. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo: Cortez Editora, 1993

_____. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção Questões de Nossa Época, v. 24).

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 71).

Grupos Unificado de Educação Ambiental (GUEAM). Diagnóstico da Comunidade Jararaca. Bragança, 2006.

GUIMARÃES, Mauro. In: LOUREIRO, Carlos F. B., LAYRARGUES, Phillippe P.,

CASTRO, Ronaldo S. de., (Orgs.) Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental. São Paulo:

Cortez, 2003.

MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio-Roger, MOTTA, Raúl domingo. Educar na Era Planetária: pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

REED, M. Sociologia da gestão. Oeiras: Celta, 1997.

REIGOTA, Marcos. Meio Ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão. 2 ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2001.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.